

42º Encontro Anual da Anpocs;

GT13 Gênero, trabalho e família

**Mulher, salário e comida em áreas cafeeiras de Huila – Colômbia**

**Camilo Andrés Salcedo Montero**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ)

Caxambu, 22 – 26 de outubro de 2018

## Introdução<sup>1</sup>

Este artigo é um desdobramento de minha pesquisa de doutorado (2016-2020), e tem como objetivo analisar a organização das mulheres, integradas a uma unidade familiar, dentro das tarefas de alimentação dos trabalhadores nas épocas de safra em áreas cafeeiras do Departamento<sup>2</sup> de Huila<sup>3</sup>- Colômbia (principal produtor de café do país desde 2010). Essa unidade familiar é denominada por produtores e trabalhadores como *alimentador* (em masculino) em que a mulher realiza as atividades de preparação e serviço dos alimentos em duas situações diferentes: como esposas de pequenos produtores ou como esposas de trabalhadores sem-terra<sup>4</sup>.

Dentre os estudos rurais colombianos existem poucos trabalhos sobre o papel da mulher e as condições sociais em que está submetida<sup>5</sup>. Portanto, a partir da apresentação de alguns dados de campo, procura-se mostrar elementos para refletir sobre as condições que geram nesse contexto, a divisão sexual do trabalho na produção de café, a dependência dos homens da mulher para trabalhar nas atividades da safra, as formas de trabalho dos casais, e os reconhecimentos variáveis da mulher sobre as atividades realizadas nesse tempo, demonstrando sua centralidade para pensar as mudanças e estratégias de reprodução camponesa que derivaram no aumento da produção de café nessa região nas últimas décadas.

---

<sup>1</sup> Os dados e questões apresentadas são produtos da minha pesquisa de tese de doutorado no PPGSA/IFCS/UFRJ, financiado por meio de uma bolsa de estudos doutorais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -CNPq no período compreendido entre fevereiro de 2016 e março de 2018 (25 meses). A partir de abril de 2018 a pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro com o programa bolsa - FAPERJ nota 10.

<sup>2</sup> A Colômbia é dividida administrativamente em *Departamentos*, equivalentes aos estados no Brasil, tendo em conta que diferentemente desse país a Colômbia não é uma República Federal, mas sim uma República Unitária.

<sup>3</sup> Localizado na cordilheira dos Andes na região do Alto do Rio Magdalena, no sul da Colômbia.

<sup>4</sup> Um homem solteiro somente pode se dedicar a tarefas como *recolector* de café, *capataz* ou *jornaleiro* (diarista). Portanto, o casamento abre possibilidades para ser pequeno produtor ou trabalhar como *mayordomo* ou *alimentador*.

<sup>5</sup> Dentre os trabalhos sobre a mulher rural na Colômbia existem duas referências importantes. Primeiro, o livro de Donny Meertens “Ensayos sobre tierra, violencia y género” (2000), compendio de vários de seus trabalhos que têm como um dos seus eixos a mulher rural colombiana, tanto nas *haciendas* (principalmente no Departamento de Tolima), quanto nas áreas de colonização (no Departamento de Guaviare), mostrando as condições de sua subordinação em momentos diferentes do século XX. O segundo trabalho é o artigo de Bacca “Mujeres en la caficultura tradicional colombiana, 1910-1970” (2015), que mostra as relações laborais da mulher antes da introdução do café caterra nos anos setenta, as desigualdades no salário em relação aos homens e sua inserção no sistema laboral-salarial como *recolectora*, *escogedora* ou *tablonera*, porém em seus dados não são descritas as relações e posições da mulher dentro das famílias nem seu papel reprodutivo (“dupla jornada de trabalho”).

A metodologia da pesquisa compreende a realização de trabalhos de campo, abarcando a observação participativa, visitas e entrevistas com produtores de café e *recolectores*, com o recorte geográfico nos municípios cafeeiros do sul do Departamento de Huila, região que aumentou sua área semeada nas últimas décadas (ver quadro 1).

O lugar central da pesquisa de campo foi o município de Pitalito, ponto de referência de outras cidades produtoras como Oporapa, Saladoblanco, Palestina, San Agustín, Acevedo, Tarqui, Elías, Timana e Suaza, com comunicação para os Departamentos de Caquetá, Putumayo e Cauca (ver mapa 1). O último trabalho de campo foi realizado entre junho e setembro de 2017, retomando contatos de pesquisas que venho realizando na região desde 2014<sup>6</sup>.

**Quadro 1: Hectares cultivadas nos municípios cafeeiros de sul de Huila (1970, 1980, 1997, 2017)**

Municipio	Cafe1970	Cafe1980	Cafe_1997	Café 2017 Sept 30
	Hectáreas			
ACEVEDO	1.243,7	2.471,7	5.601,9	14.463,0
ELIAS	736,9	505,8	548,3	4.769,0
OPORAPA	645,8	1.136,2	1.527,4	4.154,1
PALESTINA	.	.	2.416,4	2.523,3
PITALITO	3.737,5	5.238,1	8.183,6	18.674,7
SALADOBLANCO	751,7	875,7	1.853,3	4.199,9
SAN AGUSTIN	1.665,6	1.363,0	2.837,3	6.429,8
SUAZA	315,1	638,8	1.700,5	6.869,6
TARQUI	1.412,2	2.159,4	2.169,5	4.266,4
TIMANA	787,7	2.180,0	3.163,4	4.932,7

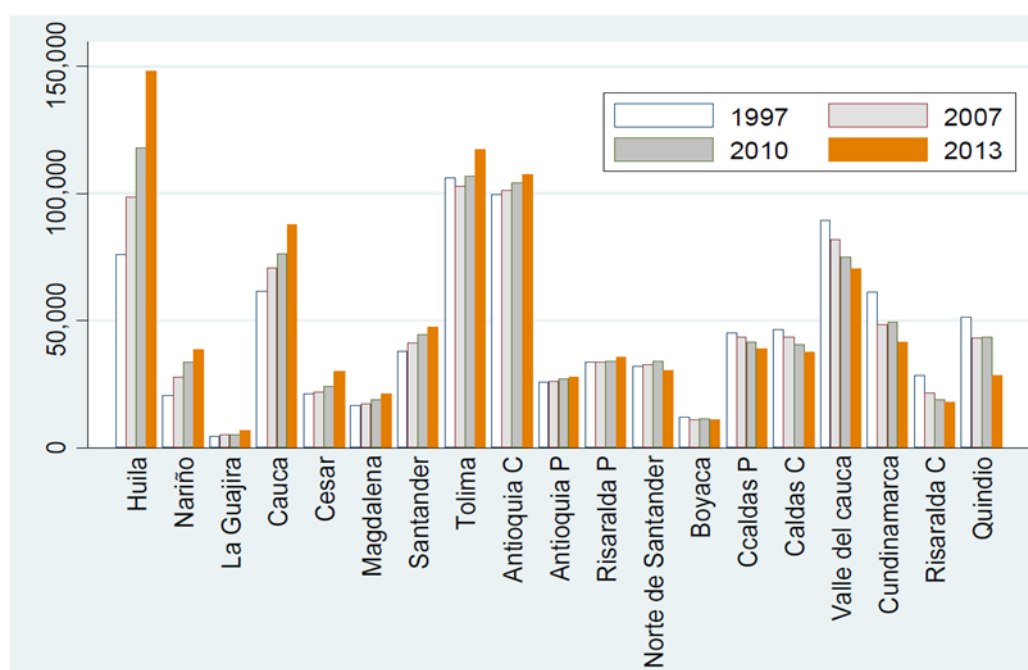
**Fonte:** Dados subministrados pela Gerencia Técnica de la Federación Nacional de Cafeteros de Colombia (2017). \* Huila tem 38 cidades cafeeiras e somente são apresentados aqui os dados das 10 cidades que conformam o sul do Departamento de Huila.

Estatisticamente, desde os anos setenta, a área plantada de café em Huila cresceu de forma contínua: ano 1970: 47.923,8 hectares; 1980: 52.963,3 hectares; 1997:

<sup>6</sup>Nos anos 2014 e 2015 realizei trabalhos de campo nas áreas cafeeiras da região por uma pesquisa financiada pelo edital de “Jóvenes Investigadores” de Colciencias, intitulada *Dinámicas socio-ambientales de la expansión cafetera en el Departamento del Huila (1991-2012)*. Baseado nessa informação realizei meu projeto de doutorado (2016) e no desenvolvimento do doutorado realizei um novo campo entre junho e setembro de 2017. Nos trabalhos de campo contei com a ajuda dos “extensionistas” (técnicos) dos Comitê Departamental de Huila da Federación Nacional de Cafeteros de Colombia (FNCC) que deram alguns dados quantitativos e apresentaram para mim grupos de cafeicultores da região.

76.123,1; e 2017: 149.466,4 (Gerencia Técnica Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, 2017). O anterior apresenta um cenário diferente de outras regiões cafeeiras colombianas em que a produção diminuiu ou ficou estagnada (ver Grafico 1). Essa diferença regional teve repercussões nos estudos realizados sobre o café, sendo que, durante o século XX, o “eje cafeteiro”<sup>7</sup> foi por décadas a principal região produtora do país.

**Grafico 1: Área de Café por Departamento<sup>8</sup>**



Fonte: **Juan Jose Echavarria<sup>9</sup>** (2014)

Na atualidade, 96% dos cafeicultores de Huila tem uma média de 1,5 hectares, os quais respondem por 82% da produção do Departamento (SÁNCHEZ, 2017). Portanto,

<sup>7</sup> Existem poucos estudos sobre as sociedades cafeeiras de Huila. A bibliografia produzida sobre café na Colômbia está concentrada na região do “Eje cafetero” que compreende os departamentos de Caldas, Risaralda, Quindío, a área nordeste do Departamento de Valle del Cauca, o sudoeste do Departamento de Antioquia e o noroeste do Departamento de Tolima. O “eje cafetero” conseguiu uma especialização sócio produtiva com o café, que também é resultado de fenômenos de povoamento realizados na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX (Bacca, 2015: 50). Durante o século XX o “eje cafetero” foi a.

<sup>8</sup> Segundo os dados apresentados por Tovar Zambrano (1996), o crescimento das áreas semeadas com café em Huila se deu da seguinte forma: em 1927, 2.078 hectares; em 1931, 11.057 hectares; em 1936, 14.753 hectares; em 1948, 16.165 hectares; em 1970, 47.923 hectares; e em 1980, 52.704 hectares (p. 129-146).

<sup>9</sup> “Evolución de la caficultura colombiana”. Disponível em: <http://www.urosario.edu.co/Home/Principal/Orgullo-Rosarista/Adjuntos/Mision-del-Cafe/Evolucion-de-la-caficultura-Colombiana/>

grande parte do trabalho utilizando para fazer produzir a terra e colher o grão é familiar. Em épocas de safra, as áreas acima de 10.000 pés de café em produção (1.5 hectares aproximadamente) precisam de trabalhadores externos às unidades familiares (de seis pessoas), sendo que, a colheita pode estar concentrada em poucas semanas (precisando de mais trabalhadores em menos tempo) ou espalhada em um período de tempo maior (precisando de menos trabalhadores em mais tempo).

Entre pequenos produtores, a esposa do dono e suas filhas preparam os alimentos, enquanto em propriedades em que as mulheres da família realizam outras atividades por fora da casa (como estudos de secundária, universidade, técnico e/ou trabalhos nas cidades da região) e/ou em médias e grandes propriedades é comum que o produtor precise de contratar um casal *alimentador*, sendo a mulher a que prepara os alimentos e o homem quem vigia aos *recolectores* como *caudillo*.

Dentre os achados da pesquisa, uma das hipóteses desenvolvidas está em demonstrar algumas das variações que a mulher está sofrendo com o tempo. Faz algumas décadas era comum que a esposa do pequeno produtor realizasse as tarefas de alimentação dos trabalhadores com ajuda das suas filhas ou parentes, porém na atualidade, entre os produtores é cada vez mais frequente procurar casais externos da esfera familiar para preparar os alimentos dos trabalhadores *recolectores*.

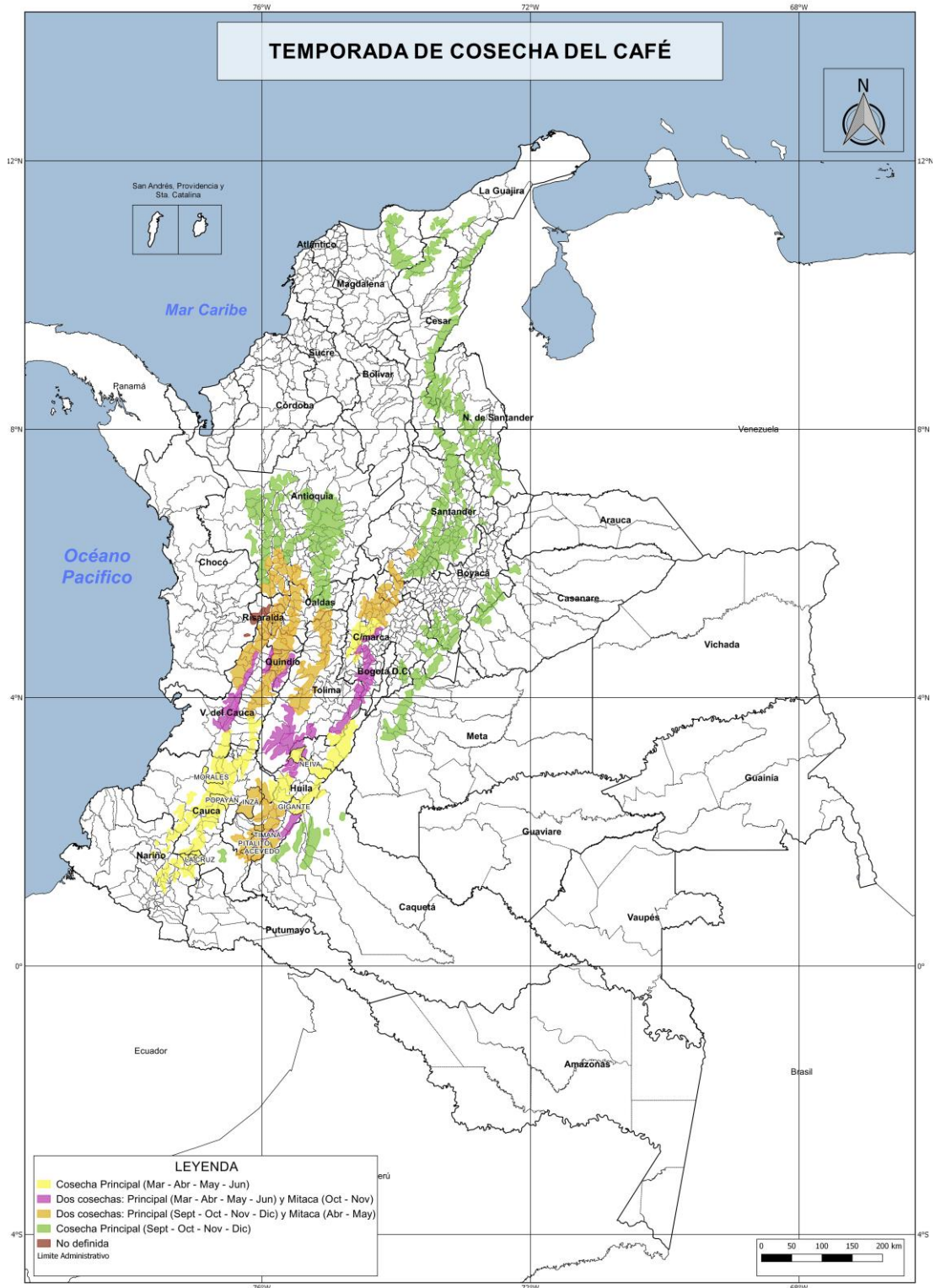
Nas safras, os *recolectores* ganham seu salário *a destajo*, isto é, por quantidade de peso de café colhido<sup>10</sup>. Dependendo das condições da produção, existem duas formas de pagamento: *livre*, em que o *recolector* tem garantida sua comida independentemente da quantidade de café coletado (forma cada vez menos frequente), e *gravado* em que a comida é cobrada e descontada do que eles conseguem colher durante a semana.

Parte dos produtores mantem com trabalhadores de outras regiões do país relações familiares e de amizade, sendo grupos de *recolectores* que dormem e comem na mesma casa do produtor. Na atualidade, essas relações são menos frequentes que no passado. Assim, outro grupo de produtores separam fisicamente os espaços dos

---

<sup>10</sup> A unidade de medida para o pagamento aos trabalhadores mudou com o tempo. Anteriormente existiam unidades de medida para o pagamento aos trabalhadores como o *costalado* (costal de fibra de agave) ou o *cocado* (um copo grande), sendo nas últimas duas décadas padronizado pelo quilo ou a arroba da balança. Existem três tipos de balanças que foram observadas no trabalho de campo: balança romana, balança de plataforma mecânica com contrapeso, e balança eletrônica de plataforma.

trabalhadores da sua casa, e as tarefas de preparação dos alimentos é delegada a casas externos da sua família.



Fonte: FNCC

A continuação, o trabalho procura mostrar, a partir de casos de famílias da região, as diferenças entre os produtores e os processos de mudanças a partir das atividades e condições sociais das mulheres no local. Primeiro, apresenta-se alguns dados históricos sobre o surgimento dos grupos de produtores cafeeiros da região estudada. Segundo, mostra-se a rotina da esposa de um pequeno produtor nos períodos de safra, em que o salário para os *recolectores* de café é *livre*. Terceiro, apresentam-se os cálculos do filho de um pequeno produtor e as diferenças em relação aos sistemas de pagamento *livre* e *gravado*. E finalmente, apresenta-se o caso dos *alimentadores* contratados por fora da unidade familiar produtora, sendo o pagamento aos trabalhadores *gravado*, e mostrando diferentes tratamentos dados à mulher dependendo dos pactos com seu esposo e com os patrões.

### **A região estudada: o surgimento dos pequenos produtores de café em Huila**

Os produtores de café dessa região, obtiveram terra durante o século XX depois de sucessivos processos de mobilização derivados das leis agrárias dos anos 1936 e 1961, que fragmentaram as *haciendas* dedicadas à produção de café, gado e cana<sup>11</sup>. Elas funcionavam sobre relações de *arrendamiento*, que consistiam em famílias que moravam nas margens das *haciendas*, isto é, terras com pouca importância para as atividades dominantes (alguns com direito de plantar seus próprios produtos), em troca de pagar um *arriendo* em que trabalhavam durante várias semanas do mês nas terras da *hacienda*<sup>12</sup>.

Em Huila, grande parte das *haciendas* que praticaram o *arrendamiento* acabaram com processos de Reforma Agrária que fez o Instituto Colombiano para la Reforma Agrária (INCORA) desde os anos sessenta do século XX. Na atualidade estão assentados vários grupos de produtores: antigos *arrendatários* ou seus filhos que se tornaram posseiros ou proprietários de terra; descendentes dos *hacendados* que mantem pedaços

---

<sup>11</sup> Os processos históricos de ocupação desse território não são objeto do presente trabalho, sendo parte da pesquisa de doutorado. Parte dos estudos sobre a história do sul de Huila têm como ponto de referência a *hacienda* laboyos que no século XIX tinha uma extensão aproximada de 300.000 hectares, e é descrita em livros de autores como Gabriel Calderón Molina (2000), Ricardo Ayerbe González (2004), e Adriano Trujillo Ramírez (2013).

<sup>12</sup> Nas testemunhas recopiladas por Trujillo Ramírez (2013: 332) o filho de um dos antigos *arrendatarios* da região declarou que: “em tempos frios (com pouca precisão de tarefas) o pessoal trabalhava nas terras do patrão durante uma semana por mês e durante a safra trabalhavam por duas semanas” (Memórias de Don Gustavo Mamiam, hijo del caminante Pedro Mamian).

de terra junto com diferentes negócios<sup>13</sup>; camponeses sem-terra que chegaram na região, de Departamentos como Nariño, Cauca, Tolima e Huila a partir dos anos quarenta, trabalharam e ocuparam terras da região; e nas últimas décadas, famílias deslocadas pelo conflito armado interno de Departamentos como Caquetá e Putumayo que compraram pedaços de terra.

Desde os anos setenta, aumentaram as pequenas e medias propriedades de terra da região. Uma hipótese para entender o fenômeno está relacionada com diferentes condições socioeconômicas como foram: as terra baratas<sup>14</sup> derivadas da fragmentação de grandes *haciendas* ou o desmatamento de áreas aptas para o café; unidades familiares que conseguiram formar um capital inicial para comprar um pedaço de terra e cultivar café, trabalhando em grandes ou médias propriedades como *contratistas* (trabalho por tarefa realizada) ou *mayordomos* (com salário fixo mensal para cuidar com sua unidade familiar os cultivos da propriedade), ou em outras atividades que permitiram que poupassem<sup>15</sup>; e

---

<sup>13</sup> Desse grupo existem produtores de café têm gado em outras regiões do país como o Departamento de Caquetá ou contam com uma profissão liberal.

<sup>14</sup> A noção de barato e caro merecem ser contextualizadas: o barato é entendido como um pedaço de terra que, dentro dos cálculos do produtor, pode ser pago com o trabalho e a produção da mesma terra, e caro significa que investir na compra de terra não pode ser equiparável com as expectativas de produção sobre essa terra para seu pagamento.

<sup>15</sup> Há pessoas que conseguiram poupar como *contratistas* na produção de arroz em terras baixas do lado do Rio Magdalena (principal do país), madeireiros em áreas de desmatamento ou produtores de folha de coca, e com o dinheiro investiram em pequenas propriedades cafeeiras em Huila. Nas conversas realizadas em campo, pessoas relacionavam o aumento do preço da terra e da produção de café nos municípios de sul de Huila ao dinheiro de pessoas que adquiriram terras e começaram a produzir café, logo depois de vender terras em áreas dedicadas à produção de folha de coca para cocaína (em áreas de Departamentos como Caquetá e Putumayo). Em 2014 tive contato com uma dessas famílias e morei em uma das suas casas por alguns dias, porém não foi possível visitá-la novamente nos trabalhos de campo em 2015 e 2017. Em 2014, fiquei em uma *Vereda* produtora de café onde os produtores procediam do município de Milán (Caquetá) e antigamente eram produtores de folha de coca. Milán é um dos municípios do Piedemonte Andino-Amazônico que nos anos 1960 e 1970 foi colonizado por camponeses sem terra de outras regiões do país (como o Sul de Tolima) e que, desde os anos 1980, teve um boom econômico derivado do cultivo da folha de coca para a produção de cocaína. Para eles não havia uma grande diferença entre produzir café ou coca, por serem cultivos comerciais, isto é, as fronteiras do legal e ilegal não necessariamente são tão nítidas/definidas. No entanto, devido aos crescentes conflitos com grupos armados e por estarem em uma economia ilegal decidiram comprar um pedaço de terra em Huila. Essa comunidade de produtores tem algumas particularidades como: 1) estão organizados por famílias extensas e casamentos de irmãos cruzados; 2) procuram sempre fazer negócios com café, falando constantemente dos tempos de crescimento do café e dos cultivos associados que os “atrasavam” (tornavam mais lento o crescimento de um cultivo), da possibilidade de vender terra onde estavam para comprar mais barata em outro local, e da necessidade de vender por um melhor preço seu café; e 3) uma igreja evangélica, que os acompanha desde seu *desplazamiento* e parecia ser um elemento de coesão em suas práticas de poupança de dinheiro e unidade familiar (o que significam e incentivam as práticas religiosas para essas pessoas seria objeto de outra pesquisa).



a *auto-exploração* dos integrantes das suas unidades familiares para conseguir produzir café a baixos custos<sup>16</sup>.

Outros dos motivos do surgimento de um grupo de pequenos e médios produtores de café esteve relacionado com a introdução da variedade de café caturra pela Federación Nacional de Cafeteros desde os anos setenta. Nessa década, Centro Nacional de Investigaciones de Café (CENICAFÉ) adaptou a variedade de café caturra (trazida desde o Brasil) e as distribuiu em todas as áreas produtoras ou potencialmente produtoras do país com os “extensionistas” (técnicos)<sup>17</sup> da FNCC<sup>18</sup>, substituindo o café “tradicional” ou *typica*.

Os avanços tecnológicos não derivaram na mecanização da colheita, pela dificuldade da topografia de montanhas e terrenos irregulares. Portanto, gerou-se um processo de aumento da densidade de pés de café por área, da produtividade e dos custos de manutenção do cafezal com o uso de fertilizantes químicos, bem como a intensificação da mão de obra durante as safras (ERRAZURIZ, 1986). O anterior dificultou que o café pudesse se cultivar em grandes extensões que não tivessem mão de obra suficiente, sendo cultivado principalmente em áreas que uma unidade familiar pudesse trabalhar.

Na década dos noventa, houve embates econômicos e crises decorrentes da queda dos preços do grão e das pragas (roya e broca), logo após da ruptura do Pacto Internacional do café (1989) que manteve um sistema de quotas entre os países

---

<sup>16</sup> Sobre a auto-exploração da unidade familiar na região estudada ver o artigo de Salcedo (2016).

<sup>17</sup> O programa de “extensionistas” da Federación Nacional de Cafeteros (FNCC) foi criado em 1959. Eles são técnicos que moram nos municípios cafeeiros e assessoram agronomicamente os produtores e apresentam as últimas inovações em adubos ou sementes, dependendo das inovações promovidas pela FNCC.

<sup>18</sup> A FNCC é uma organização fundada em 1927, que agrupa e representa institucionalmente os cafeeiros da Colômbia e funciona a partir de duas grandes esferas: uma gremial e outra administrativa. A gremial é conformada pelos Comitês Municipais e Departamentais (estaduais) eleitos a cada quatro anos pelos cafeeiros que possuem uma cédula cafeeira (todos aqueles proprietários cafeeiros que a solicitam). Os Comitês Departamentais elegem um representante que, junto com representantes de 15 Departamentos, compõe um Comité Diretivo, e um representante que integra o Comité Nacional junto com representantes de 15 Departamentos e 4 do governo nacional. A estrutura gremial elege os dirigentes da estrutura administrativa e os comitês departamentais designam um líder e um diretor executivo departamental. Cada Comité Departamental conta com coordenadores seccionais (por áreas cafeeiras dos Departamentos) e eles elegem os “extensionistas” (técnicos) e sua equipe de apoio. Tanto os representantes dos Comitês Departamentais quanto os líderes da estrutura gremial, fazem parte do Congresso Nacional Cafeeiro, que elege o Gerente General da FNCC dentre três candidatos indicados pelo Governo Nacional e é a única instância que pode modificar os estatutos da instituição. Segundo a FNCC, ela representa aproximadamente uns 563.000 produtores de café do país.

produtores para a regulação internacional do seu preço desde 1962 (FORERO, 2012). Parte dos grandes produtores converteram suas terras de café em terras de gado<sup>19</sup>, ou ainda venderam ou perderam pedaços das suas propriedades para pagar dívidas aos bancos <sup>20</sup>. Em alguns casos os produtores mantiveram a produção de café com uma crescente dificuldade de recrutar e controlar os trabalhadores necessários nas safras.

No contexto de surgimento desses novos produtores de café, foi importante o papel e organização que a mulher teve dentro das unidades familiares, o qual possibilitou a realização das colheitas e a manutenção do patrimônio com seu trabalho não pago nas ultimas décadas.

### **A rotina da esposa de um pequeno proprietário nos períodos de safra**

No trabalho de campo realizado em 2017 tive o propósito de conhecer as relações que existem entre pequenos produtores e trabalhadores na época de safra no sul de Huila (setembro-dezembro). Por meio de relações de amizade consegui ficar hospedado na casa de um pequeno produtor que têm 5 hectares, na qual morava sua esposa, sua filha solteira, e um casal conformado por seu filho e sua nora. No entorno moravam vários familiares do produtor com terra e café que chegaram nessa região quando foram expulsos pela violência dos anos 1960 em áreas do norte de Huila.

Para preparar o café da manhã, a esposa do produtor acordava antes das 5 horas<sup>21</sup>. Os sete trabalhadores<sup>22</sup> dessa semana começaram a chegar às 5:30 e recebiam dela um café ou uma “aguapanela” (bebida feita de água quente e rapadura). Logo após de umas horas de trabalho, às 8 da manhã, os trabalhadores param de colher e tomam o café da

---

<sup>19</sup> Segundo a informação que se tem, em outras regiões que têm domínio das grandes propriedades como no “Eje cafetero”, nos períodos de crise de finais dos anos 1980, os produtores converteram suas terras ao gado, semearam banana, ou as tornaram em *haciendas* turísticas, mantendo o controle sobre suas propriedades.

<sup>20</sup> Nos anos 1990 em Huila, houve vários casos de embargo de terras por bancos devido à falta de pagamento de créditos por diferentes produtores. Muitas dessas terras foram compradas a baixos preços por camponeses sem terra ou pequenos e médios produtores que ampliaram seus patrimônios e conseguiram superar as crises.

<sup>21</sup> A descrição segue metodologicamente o trabalho de Heredia (1979).

<sup>22</sup> Os sete *recolectores* que trabalharam durante essa semana, são conhecidos dos donos da propriedade. O filho do produtor (30 anos casado e morando na mesma casa dos pais) foi quem procurou a eles, perguntando na semana anterior a vizinhos ou pessoas da cidade sobre quem precisava trabalhar. Em anos anteriores, alguns desses *recolectores* já tinham trabalhado nessa propriedade (ou na de algum familiar), e contataram a outros conhecidos e amigos para que ajudassem na colheita durante essa semana.

manhã (arroz, ovo, chocolate, “aguapanela”, pão) que é servido pela mulher do produtor. Ao meio dia, os trabalhadores voltam à casa do dono e pesam na balança o que conseguiram pegar até aquele momento, a mulher ou o filho aponta em um caderno o peso colhido por cada trabalhador. Logo após da pesagem, os trabalhadores almoçam (arroz, feijão ou lentilha ou grão de bico, carne, tomate e um suco) e voltam a colher café.

Com os grãos de café colhidos, o dono da propriedade começa a despolar (tirar a casca) com uma máquina que fica colada à casa. Ao mesmo tempo, almoça a mesma comida preparada para os trabalhadores por sua esposa, com algum aditivo, como uma carne ou um ovo a mais. No meio da tarde, o produtor vai até o lugar em que eles estejam para dar aos *recolectores* um copo de “aguapanela” com limão para hidratação. Ao final da tarde, os *recolectores* voltam e fazem uma nova pesagem, recebendo por parte da esposa do dono, uma “aguapanela” com pão, e deixando que o produtor comece novamente a despolar café. Dependendo da quantidade de café, a jornada do casal pode terminar às 21 horas.

No caso apresentado, o pagamento aos *recolectores* é *livre* embora os filhos do produtor pensem que devem mudar ao sistema *gravado* pelo trabalho não pago da sua mãe. Nessa casa a esposa do produtor administra todas as finanças, com os registros de egressos (compra de insumos para o café e mercado semanal) e ingressos (vendas de café). Ela tem o controle do dinheiro e pega o que precise para suas necessidades e as do lar. Ela é central para o funcionamento da pequena propriedade: organiza o espaço da casa, garante a preparação dos alimentos, e quotidianamente cuida dos animais da casa (galinhas e porcos) junto com uma horta com alguns cultivos para o consumo doméstico.

Dentre esses casais são comuns os acordos que procuram que a mulher fique com recursos próprios. Uma das formas comuns em que as mulheres os obtêm é a entrega para a esposa e a filha (que ajuda nas tarefas da casa) da “pasilla” e a “cascota”<sup>23</sup> ou da produção de alguns sulcos de café que podem vender no comércio local. Esses recursos ajudam para que ela pague os utensílios que ela precise (como roupa) e ocasionalmente poupe dinheiro.

---

<sup>23</sup> Café de menor qualidade que é vendido no mercado pela metade do preço em relação ao café pergaminho seco de trilha. O café seco de trilha é aquele que depois do processo de despoldado, é secado, não tem defeitos (como agulheiros por pragas) e é amarelo (não verde os que não tem maturação suficiente).

No entanto, é possível encontrar casos em que os homens da família não deixam que a mulher tenha recursos próprios. No trabalho de campo, consegui conversar com uma mulher (de outra propriedade) que durante sua adolescência morou por vários anos com os irmãos e o pai viúvo, ajudando no cuidado da casa e na preparação dos alimentos, sem retribuição nenhuma. Frente à situação ela decidiu se apropriar clandestinamente de uma quantidade de café para a venda no mercado local, procurando obter com isso recursos para satisfazer parte de suas necessidades. Logo após de alguns anos, ela fugiu para uma cidade da região trabalhando como empregada doméstica.

### **Cálculos e pactos de reciprocidade na virada do sistema de pagamento *livre* para *gravado*.**

A continuação é apresentada uma tensão característica nas pequenas e medias propriedades da região entre as duas formas de pagamento a *destajo: livre*, em que o *recolector* tem garantida sua comida independentemente da quantidade de café coletado, e *gravado* em que a comida é cobrada e descontada do que eles conseguem colher durante a semana. Em alguns casos, mantem-se os dois sistemas (dependendo da necessidade do produtor na época da safra), mas a tensão entre os dois códigos morais<sup>24</sup> coloca em jogo as relações de confiança, trocas, proximidade e diferenciação entre os grupos de produtores e trabalhadores.

Nos últimos anos, entre médios e pequenos produtores, existe uma tendência de cobrar pela comida aos trabalhadores. O salário *gravado* significa uma ruptura nas formas pelas quais eram construídas as relações de troca entre produtores e trabalhadores<sup>25</sup>, uma maior distância social entre os grupos, sua monetarização e uma mudança geracional. Assim, dentro dessa tensão, os produtores realizam um cálculo econômico no qual incidem os vínculos morais com o trabalhador e o ganho ou perda que eles podem ter do trabalhador com a comida que é cobrada.

---

<sup>24</sup> Essa mudança em muitas propriedades mostra a tensão que existe entre dois códigos morais, que pode ter algumas similitudes como que procurou mostrar Souza Jr., (2017) em sua tese de doutorado sobre a tensão entre “moral” e “direitos”.

<sup>25</sup> Segundo alguns trabalhos acerca das relações entre produtores e trabalhadores em áreas cafeeiras do “eje cafetero”, essa diferença não existe e a comida é sempre cobrada (Tobasura, 1992; Ramirez, 1983; Castaño 2010). Portanto, cobrar pela comida não é uma questão ligada às grandes propriedades em todos os casos.

Na pequena propriedade analisada, o salário é pago *livre*, porém, como ficou descrito, a janta somente era uma “aguapanela” ou um café com pão. Faz alguns anos atrás, os trabalhadores obtinham uma boa janta com arroz, lentilhas, feijão ou ovo, sendo sua desapareição recente: em um primeiro momento, a família decidiu suprimir a janta e pagar aos trabalhadores 2 mil pesos adicionais diários (2 reais em 2017) para que comeram algo nas suas casas. Com o tempo e após cálculos realizados pelos integrantes da casa, a janta ficou reduzida a uma “aguapanela” com pão, pelo que têm que completar a sua alimentação nas suas casas.

Em conversas com o filho dessa unidade doméstica sobre a forma de pagamento, ele me falou sobre a possibilidade de cobrar aos trabalhadores pela comida no futuro, isto é, que o sistema de pagamento fosse *gravado*. O filho realiza uma monetarização que os pais não faziam. Para os pais garantir uma boa comida é central para que os trabalhadores se “sintam bem”, devido a sua importância na colheita de café, dando um tratamento similar ao que receberam quando trabalharam como *recolectores*. A transição de *livre* para *gravado* passa por uma questão de mudança nas condições sociais, em que os filhos preferem cobrar pela comida para evitar “riscos”, como quando os trabalhadores comem sem trabalhar o suficiente e o custo da comida é absorvida pelo produtor.

A continuação coloco um quadro dos cálculos realizados pelo filho do produtor entre o pagamento *livre* e *gravado* e logo após, é realizada uma análise dessas variações e os cálculos em cada caso.

**Quadro 2: Diferenças entre pagamento *livre* e *gravado***

	<b>Peso colido por trabalhador</b>	<b>Dinheiro que o trabalhador ganha em cada sistema</b>	<b>Dinheiro total ganho pelo trabalhador em cada sistema (comida em <i>gravado</i> com um preço de 10.000 pesos)</b>	<b>Dinheiro “perdido” pelo produtor pela comida*</b>
<b>Preço da arroba <i>livre</i> (5000 pesos @)**</b>	5@ (56.7 kg)	25.000 pesos	25.000 pesos	- 7.500 pesos
<b>Preço da arroba <i>gravado</i> (5500 pesos @)</b>	5@	27.500 pesos	17.500 pesos	0 (não perde porque cobrou pela comida)
<b>Preço da arroba <i>livre</i> (5000 pesos @)</b>	20@ (226.78 kg)	100.000 pesos	100.000 pesos	0 (ponto de equilíbrio <i>livre</i> e <i>gravado</i> )

<b>Preço da arroba gravado (5500 pesos @)</b>	20@	110.000 pesos	100.000 pesos	0 (ponto de equilíbrio livre e gravado)
<b>Preço da arroba livre (5000 pesos @)</b>	25@ (283.48 kg)	125.000 pesos	125.000 pesos	0 (o trabalho cobre o preço da comida e são necessários menos trabalhadores e menos comidas)
<b>Preço da arroba gravado (5500 pesos @)</b>	25@	137.500 pesos	127.500 pesos	0 (o trabalhador ganha mais 2.500 pesos com sobre-trabalho).

Fonte: Elaboração própria a partir de conversas com o filho do pequeno produtor e um *recolector*<sup>26</sup>.

\* A partir da resta do preço pagado *gravado* e o preço pagado *livre*.

\*\* O preço é de setembro de 2017

O filho do produtor realizava cálculos sobre o preço da comida para os trabalhadores que incluíam: desde comprar os insumos até o esforço realizado por sua mãe que precisava acordar antes das 5 da manhã para preparar os alimentos e ficar até depois das 6 da tarde servindo os alimentos. Ele estimava o preço da comida em 10 mil pesos (10 reais aproximadamente), e calculava as variações entre o pagamento *livre* e *gravado*. Além disso, relacionava os altos preços da mão de obra com os baixos preços internacionais do café, o qual deixa com um ganho baixo ao produtor de café, devido à necessidade de outros investimentos para cuidar o cafezal durante o ano.

Tal como se mostra no quadro, existem duas formas de pagamento, o *livre* e o *gravado*. Quando o pago é *livre*, o preço da arroba (11,34 quilogramas) é menor (\$ 5000 pesos) que quando é *gravado* (\$ 5500 pesos). No primeiro caso está suposto que a comida está integrada ao trabalho realizado, e no segundo caso, o preço é explícito e cobrado separadamente. Segundo os cálculos realizados pelo filho do produtor, existe um “ponto de equilíbrio” em que não tem diferença para o produtor fazer o pagamento *livre* ou *gravado*, sendo que o *recolector* deve colher 20 @ ou 226.78 kg por dia.

Um trabalhador pode colher mais ou menos café por dia dependendo de como esteja o “corte”, isto é, mais ou menos grãos de café nas árvores (concentração ou

<sup>26</sup> Os preços pagados aos trabalhadores depende da quantidade de trabalhadores, da precisão dos produtores por trabalhadores, e da quantidade de café. O preço *gravado* para um dos produtores entrevistados de sul de Huila em 2014 era de 360 pesos (COL) por kg ou 4500 pesos (COL) por arroba (novembro 2014), isto é, um trabalhador podia ganhar entre 28.800 e 86.400 pesos (COL) por dia, em que o peso em grãos pode variar entre 80 kg (6,5 arrobos) e os 240 kg (19 arrobos).

dispersão da colheita), inclinação do terreno, organização do cafezal, e a força e agilidade das suas mãos. A safra pode durar três meses, sendo que é possível fazer de três a quatro “pases” (colheita) por “tajo”, isto é, passar cada três semanas (aprox.) enquanto madura o grão. A primeira e a última passada são as piores, devido que está começando ou terminando a época de safra<sup>27</sup> e as do meio são as melhores. Nas semanas de menos quantidade de café, o *recolector* negocia que o pago seja por dia e não a *destajo*, devido ao risco que tem de colher menos do que é pago por outras tarefas diárias na propriedade<sup>28</sup>.

Em pequenas produções de café, a esposa do produtor normalmente absorve os custos de preparação dos alimentos, e o pagamento pode ser *livre* ou *gravado*. No sistema de pagamento *livre*, a unidade familiar assume os custos da alimentação sobre a expectativa de um mínimo de produtividade. Portanto, se o *recolector* não colhe o café planejado, vai ser necessário contratar mais quantidade de trabalhadores e preparar mais comidas, gerando perdas e um maior esforço para a mulher e sua unidade familiar.

Nesse sentido, o filho do produtor afirmava que a cobrança da comida permitiria que o produtor não tivesse esse “risco”, devido que o trabalhador devia colher uma mínima quantidade para pagar sua comida e também forçava ao trabalhador a colher mais café para poder superar o “ponto de equilíbrio” e que ganhasse um pouco mais de dinheiro. Portanto, para ele a comida é garantida a partir do trabalho, devido que de outra forma “comeriam de graça”, ou o produtor assumiria parte do preço da comida dada aos trabalhadores<sup>29</sup>.

Devido que o sistema de pagamento nessa propriedade era *livre*, o filho do produtor falava que os *recolectores* de café deviam trabalhar desde às 6 da manhã até depois das 4:30 p.m. (chegando até às 6 da tarde) para que fosse possível atingir ou se aproximar ao “ponto de equilíbrio”. Do mesmo modo, ele me falava que “se os trabalhadores não trabalham pela manhã a comida deve ser cobrada, têm pessoas que

---

<sup>27</sup> Em uma comparação entre áreas cafeeiras, um dos elementos para tomar em conta para analisar a densidade de trabalhadores necessários é o tempo de maturação do grão, devido que segundo a variedade entre mais tempo demore o grão em cair no chão, menos quantidade de trabalhadores são necessários por semana devido que é possível aguardar mais tempo para que sejam colhidos.

<sup>28</sup> Nesse caso, a quantidade de trabalhadores é menor e é possível que o produtor ou seu filho trabalhem colhendo café.

<sup>29</sup> Como contraposição ver texto: SIGAUD, Lygia. 1997. ‘A percepção do salário entre trabalhadores rurais.’ Em Jaime Pinsky (org.) Capital e trabalho no campo. Pp. 49-67. São Paulo: Editora Hucitec.

somente veem para comer e vão embora”. Entre mais horas extra de trabalho melhor para o produtor, porque “se cada um dos sete trabalhadores fica mais duas horas, estou poupando o que consumiria um ou dois trabalhadores por dia”<sup>30</sup>.

A mudança que está pensando realizar o filho desse produtor é generalizada na região. Esse fato leva a perguntar o que mudou entre produtores e trabalhadores nas últimas décadas? Segundo foi observado, anteriormente os trabalhadores realizavam tarefas além da colheita de café para ficar hospedado e comer na casa do produtor. O qual construía uma série de favores mútuos e expectativas.

Em outro caso encontrado, um pequeno produtor (7 hectares) que chegou com sua esposa na região nos anos sessenta, pagava a seus trabalhadores *livre* até que os acordos entre as partes quebraram nos anos noventa. Segundo sua descrição, seus trabalhadores ficavam a semana inteira na propriedade, inclusive o domingo, dia em que os trabalhadores não colhiam grãos de café e descansavam. Um domingo, sua esposa pediu para um dos trabalhadores que trouxesse madeira para que ela cozinhasse os alimentos, o trabalhador recusou ir pela madeira porque “ele disse que não estava aí para pegar madeira”.

A partir desse fato, o produtor deixou de garantir diretamente a comida dos trabalhadores, “eu e minha mulher trabalhávamos de domingo a domingo, ela preparava a comida para eles, eu comprava os insumos da comida e fazia o benefício do café, enquanto eles somente comiam, quando se recusaram a ajudar a minha mulher, fiquei tão incomodado com a situação que não voltei a garantir a comida para eles, agora eles devem pagar pelo que comem” (Conversa realizada em agosto, 2017). Portanto, a transição de *livre* para *gravado* não foi resultado somente de um cálculo monetário realizado de custos e benefícios, mas por pactos de reciprocidade<sup>31</sup> quebrados que modificaram o comportamento anterior.

---

<sup>30</sup> Duas horas extras por sete trabalhadores seriam 14 horas de trabalho, o que seriam mais dois trabalhadores por dia.

<sup>31</sup> Na tese de Souza Jr. (2017), ele mostra a tensão entre os códigos que organizam a relação entre trabalhadores do café e produtores da seguinte forma: “não teria havido mudança social desde a fixação desta lavoura na região (do café no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba no estado de Minas Gerais), e sim, uma mudança nas relações de trabalho desde um “paradigma” em que a reciprocidade própria ao campesinato (ou ao colonato) se mescla à ocorrência de determinadas trocas propriamente capitalistas, até um novo “paradigma” que também não se mostra “a plena expressão” de relações governadas pelo



Na atualidade, ele e sua esposa não compram os insumos, nem preparam a alimentação dos trabalhadores, sendo indicado um casal vizinho (sem-terra) que se encarrega de todo o processo como *alimentador*, desde a compra dos alimentos, sua preparação e entrega aos trabalhadores. O casal *alimentador* compra os insumos e prepara os alimentos, cobra um preço fixo pela comida e leva sua contabilidade. Em alguns casos, na primeira semana da safra, o dono da propriedade pode emprestar algum dinheiro ao *alimentador*, para que ele possa comprar os insumos que depois de várias semanas de vendas termina recuperando. A mulher do *alimentador*, além da preparação da comida, pode limpar, uma vez por semana, o alojamento dos trabalhadores que é uma casa de madeira com quatro beliches.

### **O pagamento gravado e os acordos entre o casal alimentador**

No caso do pagamento *gravado*, a alimentação está desligada das relações de reciprocidade e hospitalidade entre o pequeno produtor e o *recolector*. O produtor deixa de assumir os custos da alimentação e essa tarefa pode ser feita tanto por sua esposa quanto por outra pessoa.

Na região está sendo generalizada a contratação de *alimentadores* externos à unidade familiar produtora. O fato anterior separa a esfera da preparação dos alimentos da mulher ou das filhas do produtor, devido que muitas delas estudam na escola, institutos técnicos ou universidades, ou trabalham em outras atividades, sendo mais difícil que estejam ligadas às tarefas que anteriormente realizavam.

Nesse contexto, os produtores de café não assumem a comida, e o *recolector* compra sua alimentação por fora do sistema controlado pelo produtor. Os patrões deixam que o casal *alimentador* seja o completo responsável pela comida (desde a compra do mercado até sua venda em comida) e “evitam problemas”, uma vez que, uma comida ruim pode ofender aos trabalhadores, que conseqüentemente realizam protestos para exigir a melhora dos alimentos. Ao mesmo tempo, evitam assumir os custos da compra dos alimentos e gerenciar o pessoal necessário para essa atividade.

---

mercado, justamente, por certa permanência de princípios e práticas próprias aos outros modos de produção”.

As mulheres que estão casadas com um trabalhador sem-terra, realizam nos períodos de safra funções similares do que a esposa do pequeno produtor descrito. O *alimentador* está sempre conformado por um casal de homem e mulher. Dentre as mulheres com que consegui conversar é ressaltado o valor do trabalho para a escolha do seu companheiro (“eu me apaixonei porque ele era muito trabalhador”), independentemente de se eles têm ou não terra. No entanto, em caso de não ter terra, seus recursos são mais limitados do que no caso anterior.

Ela pode estar casada e trabalhar sobre a figura do *mayordomo*, ou morar em uma área produtora e realizar trabalhos temporários como preparar alimentos para os *recolectores*. Os *alimentadores* cobram o dinheiro das comidas aos trabalhadores o sábado, no mesmo momento e lugar em que os *recolectores* recebem por parte do produtor o pagamento semanal pelo que colheram durante a semana. Depois de ser descontado o mercado é comum que a mulher fique com o dinheiro pelo preparo dos alimentos. Em alguns casos, os *alimentadores* compram menos insumos ou mais baratos para ganhar mais dinheiro, o qual, pode derivar em uma comida ruim.

Em alguns momentos, durante a semana, trabalhadores que não gostam da comida, podem falar com o produtor para que interceda frente ao *alimentador* para sua melhora. O produtor pode falar com o *alimentador* e em casos pode melhorar, mas nem sempre tem o controle sobre a comida preparada. O produtor tenta escolher bem o seu *alimentador* devido que uma comida ruim pode gerar conflitos com os trabalhadores.

Nas propriedades da região existem unidades familiares que moram e trabalham permanentemente, sendo o *alimentador* o mesmo *mayordomo* quem com sua esposa cuida os cultivos da propriedade e recebe um salário fixo mensal durante o ano todo. No caso do *alimentador-mayordomo*, a margem de ganância está na compra do mercado e na quantidade de comidas vendidas. Se o *alimentador* não tivesse suficiente dinheiro no início da safra, alguns produtores emprestam para que compre o primeiro mercado e conforme vão passando as semanas esse valor é descontado. O *alimentador* cobra o dinheiro das comidas os dias sábado, no mesmo momento e lugar em que os *recolectores* recebem por parte do produtor o pagamento pelo que colheram durante a semana.

Outros *alimentadores* são contratados temporariamente pelo período da safra em duas condições: 1) um casal em que o homem recebe um dinheiro como *caudillo*

(vigiando aos *recolectores* na colheita) e a mulher ganha pela quantidade de comidas vendidas; e 2) um preço fixo dado pelo produtor ao casal, o homem por ser *caudillo* e a mulher por preparar a comida, sendo o dono da propriedade quem compra o mercado. Nesse último caso, o produtor fica com um ganho adicional, devido que por cada comida vendida paga o mesmo aos seus *alimentadores* e a mulher não recebe pela quantidade de comidas vendidas devido que seu parceiro recebe um preço fixo não retribuindo necessariamente a sua mulher pelo trabalho feito.

Finalmente, o trabalho da mulher está no cuidado cotidiano da casa assim como no trabalho reprodutivo não pago, sendo na safra um dos momentos em que ela pode receber algum recurso próprio. Portanto, embora os recursos obtidos pela mulher sejam menores dos que são recebidos pelos homens, o dinheiro que ela poupa é normalmente utilizado em outros momentos para comprar algo que precise a unidade familiar ou aportar para comprar um pedaço de terra, sendo central para pensar as formas de reprodução camponesa que nessa região derivou no aumento da produção de café nas últimas décadas.

### **Considerações finais**

O anterior foi uma apresentação de alguns dos fenômenos, condições e formas de participação das mulheres e seus núcleos familiares, no processo de expansão cafeeira no sul do Departamento de Huila- Colômbia. A formação de grupos de pequenos produtores esteve ligada à forma como a mulher realizava e realiza tarefas não pagas como a preparação dos alimentos dos trabalhadores nas épocas de safra.

Passar do sistema *livre* para *gravado* está relacionado com processos de monetização das tarefas e desaparecimento de favores que tanto trabalhadores como produtores podiam ter no passado. O cálculo econômico e a cobrança dos alimentos permitem realizar algumas perguntas sobre a separação das funções das mulheres ligadas por parentesco ou amizade com os produtores de café e entre as famílias de trabalhadores e produtores.

Em algumas áreas da região, a esposa e filhas do produtor já não fazem tarefas que no passado realizavam. Mulheres estão indo para as cidades para estudar ou

trabalhar, fazendo que os homens precisem realizar atividades que anteriormente não faziam ou pagar para que alguém faça. A conformação da família ligada ao valor do trabalho rural tanto do homem quanto da mulher pode estar sofrendo alterações.

As causas e consequências da regulação das atividades, práticas e valores sociais associados à mulher precisam ser melhor exploradas. Esse processo de mudanças está presente no papel da mulher dentro das safras de café, não só pela sua participação ativa nas colheitas<sup>32</sup>, mas também pela cobrança dos alimentos que ela prepara. A separação de sua função tradicional ligada ao homem e a monetização de suas atividades pode estar representando a construção de sociabilidades diferentes junto com novas formas como está se organizando a sociedade cafeeira dessa região colombiana.

---

<sup>32</sup> Dentre o processo de mudanças sobre a mulher nessa região, cabe destacar a relacionada com algumas restrições que elas têm em suas atividades no período da safra, tal como a proibição de que ela colha café nos dias em que está menstruando. As justificativas encontradas para esse fato registram versões como: “a árvore fica fraca se for colhida por uma mulher menstruada”, ou também pelas dores e a debilidade que impedem que a mulher realize atividades físicas nesses dias. Essa prática está sendo menos utilizada do que em décadas anteriores, tanto por dificuldades associadas à falta de mão de obra para colher café, quanto pelo pouco controle por parte do dono do cafezal das pessoas “de fora”, quês fogem do seu espaço de controle familiar.

## **Bibliografía**

COMERFORD, John Cunha Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. – Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

FEDERICI, Silvia. Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria. Trad. Verónica Hendel & Leopoldo Sebastián Touza. Ed. Traficantes de Sueños. 2010.

FORTES, M. O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico; [tradução por Alcida Rita Ramos]. - Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1974. (Cadernos de antropologia; 6). 20p.

GUTIÉRREZ, Virginia. Familia y Cultura en Colombia. Tipologías, funciones y dinámica de la familia. Manifestaciones múltiples a través del mosaico cultural y estructuras sociales. Tercera edición (primera Editorial Universidad de Antioquia). 1994.

HEREDIA, B. M. A. A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MEERTENS, Donny. *Ensayos sobre tierra, violencia y género*. Colección CES. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá. 2000.

RAMÍREZ BACCA, Renzo “Mujeres en la caficultura tradicional colombiana, 1910-1970”, *Historia y Memoria* N°10 (enero, junio, 2015), 43-73.

SALCEDO, Camilo. Estrategias familiares, trabajo y orígenes de pequeños productores cafeteros en el Huila, Colombia. *Revista de Ciencia Política* Vol. 11, Núm. 21. 2016.

SÁNCHEZ, Lucía. Huila líder en producción, aroma y sabor de café. 27/08/2017. *Diario del Huila*. Disponible em: <https://diariodelhuila.com/huila-lider-en-produccion-aroma-y-sabor-de-cafe> Acesso em: 16 Mar. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre 16 (2): p.5-22, jul/dez., 1990.